

Educação Ambiental em Igrejas: a potencialidade da Escola Bíblica Dominical para a formação de valores ambientais em adolescentes.

Environmental Education in Churches: the potential of Dominical Bible School for the development of environmental values in adolescents.

Educación Ambiental en Iglesias: potencial de la Escuela Bíblica Dominical para la formación de valores ambientales en adolescentes.

Carlos Henrique da Silva Silveira¹

Resumo

Na ética da relação homem-natureza está o cerne da problemática ambiental. 86,8% dos brasileiros se declaram cristãos. Tal religião passa por um transicionamento geracional histórico. Nestas religiões a Escola Bíblica Dominical (EBD) é um espaço de aprendizagem não formal. O artigo busca responder se aulas aplicadas para Adolescentes Cristãos na EBD tem potencial para formação de valores ambientais, se trata da necessidade da conservação ambiental, e examina se o paradigma de exploração exaustiva da terra compõe a cosmovisão cristã. Para melhor compreensão da aprendizagem ecológica nesses sujeitos será caracterizado o entendimento ético do cuidado ambiental. O artigo abordará questões relativas à ética ambiental, formação do sujeito ecológico, vocação espiritual da Educação Ambiental... Para metodologia utilizou-se uma análise exploratória-qualitativa. Avaliou-se 909 planos de aula de EBD para o público adolescente e concluiu-se que a EBD têm potencial para formar valores ambientais.

Palavras-chave: Ecoteologia. Igreja. Meio Ambiente. Educação Ambiental. Ética.

Abstract

In the ethics of the man-nature relationship is the core of the environmental problem. 86.8% of Brazilians declare themselves as Christians. Such religion who are going through a historical generational transition. Dominical Bible School is a space of non-formal learning in Christian churches. The paper attempts to answer if classes for Christian Adolescents applied at Dominical Bible School have the potential to develop environmental values preservation, and it examines if the paradigm of exhaustive exploration of the Earth is part of the Christian worldview. For a greater understanding of ecology learning in these subjects, the ethical understanding of environmental care will be characterized. This article will address issues related to environmental ethics, individual ecology education,

¹Pós Graduando em Educação e Gestão Ambiental pelo Instituto Federal do Espírito Santo, campus Santa Teresa. Engenheiro Florestal autônomo. E-mail: carloshenr2@gmail.com

spiritual mission of Environmental Education... The method used is an exploratory-qualitative analysis. 909 lesson plans of Dominical Bible School for teenagers were evaluated, and it was determined that Dominical Bible School has potential to build environmental values.

Keywords: Ecotheology. Church. Environment. Environmental Education. Ethics.

Resumen

En la ética de la relación hombre-naturaleza está la esencia del problema ambiental. 86,8 % de los brasileños se declaran cristianos. Tal religión pasa por una transición generacional histórica. En estas religiones la Escuela Bíblica Dominical (EBD) es un espacio de aprendizaje no formal. El artículo busca responder si las aulas dadas a los Adolescentes Cristianos en la EBD tienen potencial para la formación de valores ambientales, si trata de la necesidad de conservación ambiental y examina si el paradigma de exploración exhaustiva de la tierra compone la cosmovisión cristiana. Para comprender mejor el aprendizaje ecológico en estos jóvenes, será caracterizado el entendimiento ético del cuidado ambiental. El artículo tratará cuestiones relacionadas a la ética ambiental, formación del sujeto ecológico, vocación espiritual de la Educación Ambiental, entre otros. La metodología utilizada fue análisis exploratoria-cualitativa. Fueron evaluados 909 planos de clase de EBD para el público adolescente y se concluyó que la EBD tiene potencial para formar valores ambientales.

Palabras-clave: Ecoteología. Iglesia. Medio Ambiente. Educación Ambiental. Ética.

1. Introdução:

Nos últimos anos tem-se uma ecologia marcada por espiritualidade, tendo em vista que se vive num país religioso, logo é importante que se reflita como a espiritualidade tem lidado com as questões ambientais. Grupos religiosos tem potencial de difundir as questões ambientais e atuar ativamente na formação de um sujeito ecológico. A Educação Ambiental (EA) se revela como um campo e distinto para o diálogo com a espiritualidade, de modo que alguns autores afirmarão que na sua particularidade do saber, trata-se de uma área com *vocação espiritual* (LOVELOCK, 2001; VAN NESS, 1996; GOTTLIEB, 2013).

Os recursos naturais formam uma fonte ancestral para a espiritualidade humana (MAGALHÃES, 2006). Nos últimos tempos observa-se que o movimento ambientalista foi impregnado com um certo tipo de espiritualidade ou religiosidade ecológica (TAYLOR, 2010), sendo uma manifestação clara da transformação cultural (LAYRARGUES e LIMA, 2010).

Ações que articulem educação e ambiente são essenciais. Como é sabido a educação é a mediadora de todas as relações sociais humanas e, por meio dela, é possível compreender as

relações entre sociedade e meio ambiente (SOARES, 2006). Como consequência emerge o saber ambiental, com um olhar que compreende os *sistemas socioambientais* de modo transformador e sob a perspectiva de uma nova *racionalidade social*, agora visando a construção de uma *consciência ambiental* (LEFF, 2015).

As diversas organizações que compõe a sociedade devem buscar desenvolver a Educação Ambiental (EA), demonstrando um desempenho ambiental correto, que caminha em busca do controle do impacto de suas atividades, produtos ou serviços no ambiente, sem desconsiderar suas políticas e seus objetivos, um exercício educacional sintonizado com a vida em sociedade (RIBEIRO, 2015).

Sob essa perspectiva é preciso aprofundar a compreensão das questões ambientais, considerando todos os espaços sociais e educativos, a exemplo das associações comunitárias, também as instituições de ensino, igrejas (GOHN, 2014). É preciso construir uma Educação Ambiental que seja mais adequada para cada espaço social e educativo, levando em conta a transversalidade das temáticas, já que se refere a processos presentes no cotidiano de todos (BRASIL, 1998).

Pela EA é possível problematizar o conhecimento interdisciplinar e administrar as respostas a fim de se obter um desenvolvimento orientado via rearticulação das relações sociedade-natureza (WALLERSTEIN, 1999). O conhecimento gerado não se esgota na extensão dos paradigmas da ecologia para compreender a dinâmica dos processos socioambientais, nem se limita a um componente ecológico nos paradigmas atuais do conhecimento (LEFF, 2015)

É entendido que o paradigma da Ciência na Modernidade é antropocêntrico e dicotômico, com visão linear e otimista da história (SANTOS, 1988). Ainda se crê que o progresso é algo sem fim, e se dá a partir do desenvolvimento econômico e tecnológico (SANTOS, 2007). Em contraponto sabe-se que o avanço da Ciência e da Tecnologia não tem conseguido oferecer soluções práticas para as crises econômica, política, social e ecológica (BOFF, 2012).

Pela proposta do paradigma da modernidade, ser humano e meio ambiente caminham distantes. Nessa perspectiva o meio ambiente está reduzido a fonte de recursos naturais, que atendem as demandas do mercado econômico, invariavelmente via dominação, exploração e degradação da Natureza (LUDMILA FREIRE, 2015).

O que se pode reflexionar a partir disso é que a ciência especializada não é capaz de explicar a vida. Para se entender a vida é preciso dar um sentido contextual a ela via saberes

acumulados, respeitando e sendo respeitadas as diferenças pessoais de cada ser humano, qual seja sua verdade, religião, cultura e raça, garantindo a todos o direito ao convívio e contribuição (SANTOS, 2014).

Sendo assim, é extremamente relevante apreender e determinar os conceitos e concepções que cada grupo possui, a fim de possibilitar uma reflexão ativa sobre o agir tanto individualmente quanto coletivamente, pela identificação do que converge com o contexto de pesquisa ou de intervenção (SAHEB, 2013).

Baseado no pensamento complexo, somos parte do meio ambiente, realidade e unidade, pensamento oposto a lógica da não-contradição (MORIN, 2000), isso permite compreender o funcionamento do todo fornecendo uma visão mais aproximada da realidade, e facilitando a análise crítico-reflexiva das relações ecológicas e as interações envolvidas.

As questões sociais, ambientais, políticas, econômicas, legais, emocionais e religiosas estão inter-relacionadas e fazem parte da problemática ambiental, e devem fazer parte da solução. Nessa perspectiva FRIJOF (1991) e BOOF (1990) classificam a ecologia em 4 classes: Ecologia Ambiental, Social, Mental e a Integral.

Independente da classificação as questões ambientais esbarram numa crença em comum: que o homem é superior e dominador da natureza e tal afirmativa se torna um problema quando o ser humano se enxerga não como guardião da natureza, mas como dominador (FORSBERG e HIGUCHI, 2003).

Ao longo da história vê-se as religiões sendo usadas para *iluminar ou cegar* os que as seguem, trazendo consequências positivas ou negativas para tais, bem como para a sociedade, sendo que estas consequências são definidas pelos interesses e desejos dos religiosos que também estão sob influência de sua própria época (PIERUCCI E PRANDI, 2004).

LIMEIRA e ANDRADE (2013); GUSMAN JÚNIOR (2015); SILVA, GAMA e NASCIMENTO (2015) sugerem que o principal motivo da crise ecológica se dá pela influência da religião judaico-cristã que sob autoridade da narrativa de Gênesis 1 motivam o uso desenfreado e irracional dos recursos naturais e do meio ambiente. A este pensamento é relevante acrescentar o comentário bíblico sobre a criação, a queda e a redenção presente na (BÍBLIA DE GENEVRA, 1993):

[...] toda criação foi colocada sob uma maldição divina em consequência do pecado de Adão e Eva. A atual desarmonia na natureza que, com frequência, torna o mundo um ambiente hostil para todos seres vivos, é resultante da queda... por meio de sua morte sacrificial (de Jesus) e ressurreição, ele revogou os efeitos trágicos dos atos do primeiro Adão [...]

O cristianismo crê no criacionismo bíblico e que ao ser humano foi dada a autoridade para desenvolver a terra, contudo, pelos efeitos da traição do homem ao seu Criador. Esse homem tem de lidar com a hostilidade do meio ambiente. Porém, crê-se que o homem continua com o dever de cuidar da criação (ser guardião do jardim), isso não diz respeito a uma exploração desenfreada, mas sim a um desenvolvimento sustentável da criação (SCHAEFFER, 1970).

Segundo o IBGE (2010) 86,8% dos brasileiros se declaram cristãos (dividindo-se entre católicos, evangélicos tradicionais, pentecostais e neopentecostais) e, tendo como referência esta expressividade. Se estes grupos conseguirem ser eficientes no ensino da atitude, na percepção e no valor de guardar e cultivar a criação do seu Criador, efetiva-se o potencial da atuação da igreja como educadora ambiental (MUSA, OLIVEIRA e RAFAELA, 2006). Nessa perspectiva percebe-se que estudar a espiritualidade e seu potencial de impacto, a partir de instituições cristãs, é relevante e pode resultar em mudanças socioambientais consideráveis.

A sociedade brasileira passa por dois importantes processos: a destradicionalização religiosa e a desinstitucionalização da identidade religiosa. Tais processos abrem os religiosos ao debate sobre temas antes negados e/ou velados dentro das Instituições Religiosas (SIQUEIRA, 1999).

Um dos espaços não-formais de aprendizagem, nas igrejas, é a Escola Bíblica Dominical (EBD). Este método surgiu como uma tentativa de democratizar a educação para crianças, na Inglaterra, no século XVIII. Considerando os contextos sociais do mundo neste período a metodologia se espalhou com facilidade, contudo, a partir de 1800 os propósitos das EBD deixava de ser a democratização da educação para crianças carentes e ganha o propósito de transmitir valores cristãos, instruir sobre a fé cristã a cristãos e evangelizar, ou seja, apresentar a fé cristã àqueles que a desejam conhecer de modo aprofundado (RAMOS, 2013).

No Brasil a escola dominical chega com as primeiras incursões protestantes, e tem a primeira escola dominical permanente fundada pelo casal inglês Robert e Sarah Kalley, em 1855. No início do século XX surge a União Brasileira de Escolas Dominicais, posteriormente o Conselho Nacional de Educação Religiosa que terá seu trabalho continuado pela Confederação Evangélica do Brasil (MATTOS, 2011).

Atualmente a EBD usa princípios da estrutura formal de aprendizagem, porém compreende um espaço não-formal de aprendizagem. A justificativa da EBD como um espaço não-formal de aprendizagem está na não obrigatoriedade de avaliação, no teocentrismo, em não

ser regida ou controlada por um órgão, um sistema ou ministério público e, ainda, por trabalhar com educadores não-formais e voluntários, além disso poder-se-ia acrescentar o fato do objetivo específico ser o de construir uma ética a partir de valores morais cristãos (GADOTTI, 2005).

Nessa perspectiva há diversas editoras, livrarias e igrejas que produzem materiais para serem usados nas EBD, destacando-se 4 (quatro) editoras: a Editora Cristã Evangélica, a Editora Cultura Cristã, a Z3 Editora e a Casa Publicadora das Assembleias de Deus.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990) define criança a pessoa até 12 anos de idade incompletos e adolescente o indivíduo entre 12 e 18 anos incompletos (art. 2º). Pela Secretaria Nacional de Juventude tem-se que pessoa jovem é aquela entre 15 e 29 anos. O estágio do desenvolvimento humano compreendido por essa faixa etária é marcado pela transição da infância para a vida adulta.

Nessa faixa etária o indivíduo está recebendo influências do contexto cultural e social que formam as características psicológicas e sociais do mesmo (PIAGET, 2002). Nesse sentido, o espaço religioso pode ser extremamente relevante por estimular o exercício da cidadania e empoderamento do protagonismo juvenil. Nesse contexto justifica-se estudar os processos de educação ambiental no contexto religioso se revela de extrema relevância.

Nessa perspectiva o presente trabalho objetiva busca responder se os conteúdos acessados e produzidos para Cristãos, através dos produtores de conteúdo para EBD, evidenciam a necessidade de cuidar da criação, verificando ainda, se o paradigma de explorar exaustivamente a terra ainda persiste na cosmovisão cristã, identificando qual a cosmovisão predominante e a percepção cristã frente aos problemas ambientais.

2. Metodologia

Este trabalho foi guiado por uma análise de natureza exploratória e qualitativa, em que, conforme Oliveira (2011) se estabelece da observação de fatos e fenômenos, ocorridas de forma espontânea, na coleta de dados a eles referentes, mediante as variantes identificadas como relevantes.

O universo da pesquisa, considerou 909 planos de aula, apresentados em 57 revistas, de uma editora cristã, para o público adolescente, com a finalidade de uso em Escolas Bíblicas Dominicais. Entre igrejas há muita divergência entre quanto a qual seria a faixa etária

adolescente. Tendo isso em vista optou-se pela definição etária determinado no Estatuto da Criança e do Adolescente, ou seja, 12 aos 18 anos (BRASIL, 1990).

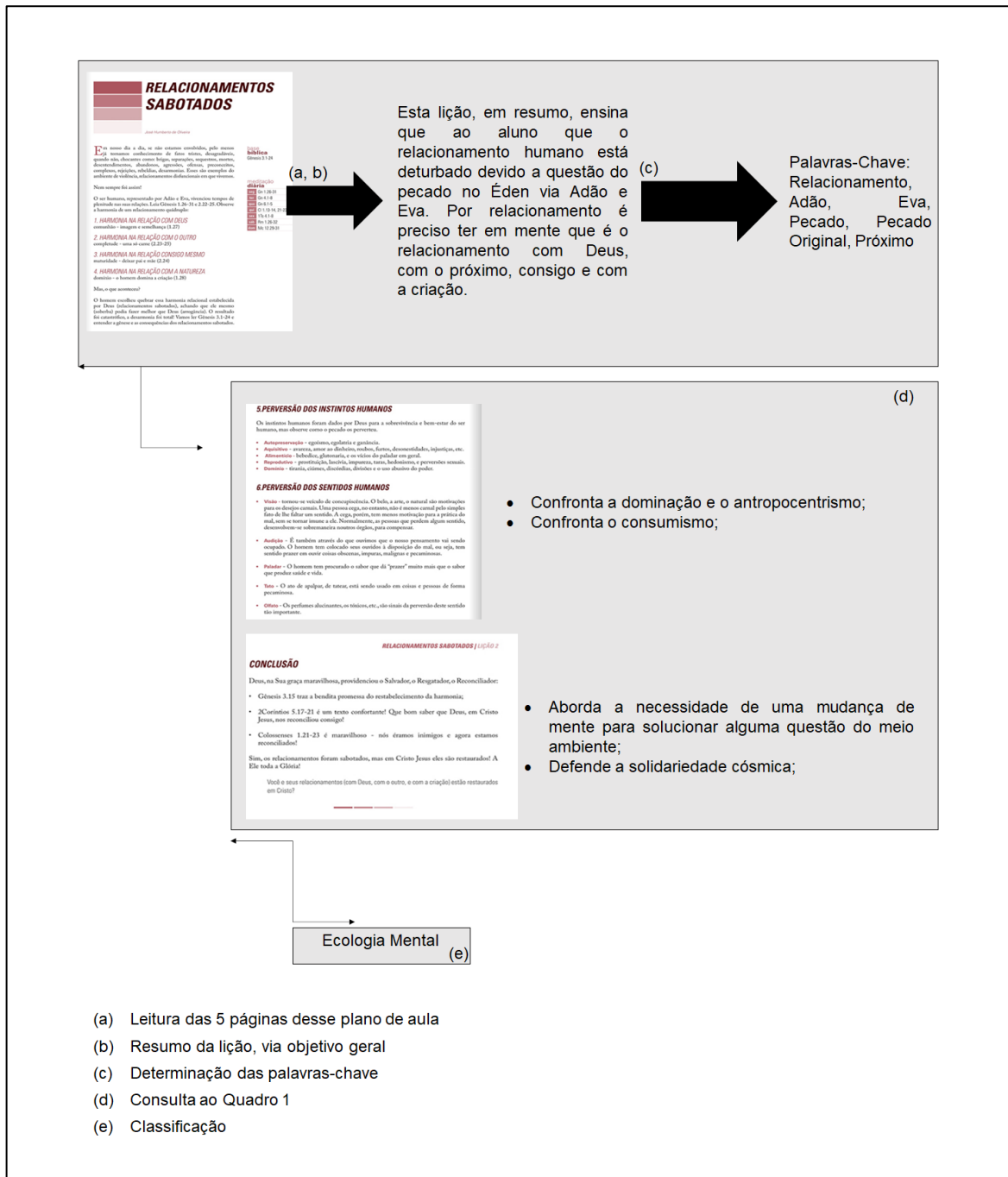
A coleta de dados se deu em dois momentos distintos. Num primeiro momento houve um contato inicial com os materiais utilizados pela EBD. Eles foram lidos, resumidos, extraído palavras-chave e procedeu com a classificação ecológica de BOFF (1991) adaptada, classificando-os em: Ecologia Ambiental, Social, Mental, Integral, e não se aplica, para os casos em que a lição não dizia respeito a nenhuma dessas.

A fim de se manter a uniformidade adicionou-se critérios a cada uma, e para classificação era necessário que a lição (plano de aula) apresentasse todos. Os critérios podem ser observados na Quadro 1. Um Fluxo de exemplo desse processo pode ser observado na Figura 1.

Quadro 1. Critérios utilizados para a classificação das aulas.

Classificação	Critérios
Ecologia Ambiental	<ul style="list-style-type: none"> • Apresenta conceitos de origem do universo; • Apresenta pontos sobre como cuidar da criação; • Propõe soluções para o cuidado da criação; • Alerta para o não cuidado acarretando na problemática ambiental;
Ecologia Social	<ul style="list-style-type: none"> • Aborda questões de justiça social; • Coloca o ser humano como parte da problemática; • Defende relações humanas minimamente justas; • Defendem a justiça social como uma cultura;
Ecologia Mental	<ul style="list-style-type: none"> • Aborda a necessidade de uma mudança de mente para solucionar alguma questão do meio ambiente; • Confronta a dominação e o antropocentrismo; • Confronta o consumismo; • Defende a solidariedade cósmica;
Ecologia Integral	<ul style="list-style-type: none"> • Apresenta a cosmovisão ambiental supra; • Mostra o processo de construção da visão; • Aborda questões históricas; • É mais dialético do que ortoprático;
Não se aplica	Qualquer outro caso

Figura 1 – Fluxo: da leitura a classificação do Plano de Aula.



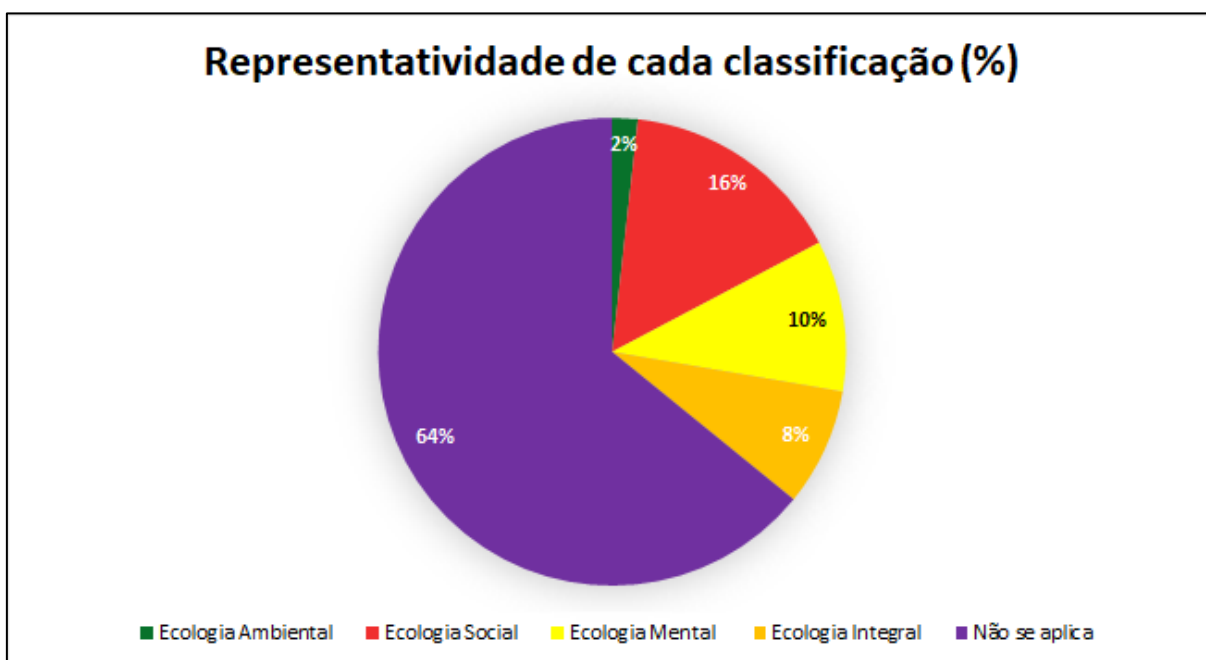
Os dados finais foram devidamente registrados em planilha Excel©. Para análise dos dados das classificações empregou-se uma avaliação estatística de amostragem total, ou seja, considerou-se as 909 amostras para fins estatísticos. Além disso, via leitura, das lições reflexionou-se quanto a cosmovisão empregada, a fim de compreender a cosmovisão ecológica predominante, a percepção frente aos problemas ambientais, o nível de consciência ambiental transmitida, e por fim, avaliou-se a potencialidade da Escola Bíblica Dominical para a formação de valores ambientais em adolescentes.

3. Resultados e discussão

3.1. Vocação Espiritual da Educação Ambiental: Entre a ciência e a fé

Ao se avaliar os 909 planos de aula têm-se que 36% das lições abordam uma das 4 classes de ecologia, sendo a ecologia social a com maior expressividade, conforme pode-se observar na Figura 2. Os valores obtidos são expressivos e podem ser explicado pela visão da ética e cosmovisão cristã.

Figura 2. Representatividade de cada Classificação segundo os critérios apresentados no Quadro 1.



Para se entender a expressividade da questão ecológica nas lições é preciso compreender o significado de cosmovisão.

A cosmovisão diz respeito a como uma pessoa (sujeito moral) interpreta e lê a realidade, é como ela compreende a forma de viver em relação ao seu sistema de crenças, ou seja, cosmovisão é o que rege o modo de compreender a construção do universo e do indivíduo (FAIRCLOUGH, 2008; SIRE, 2004).

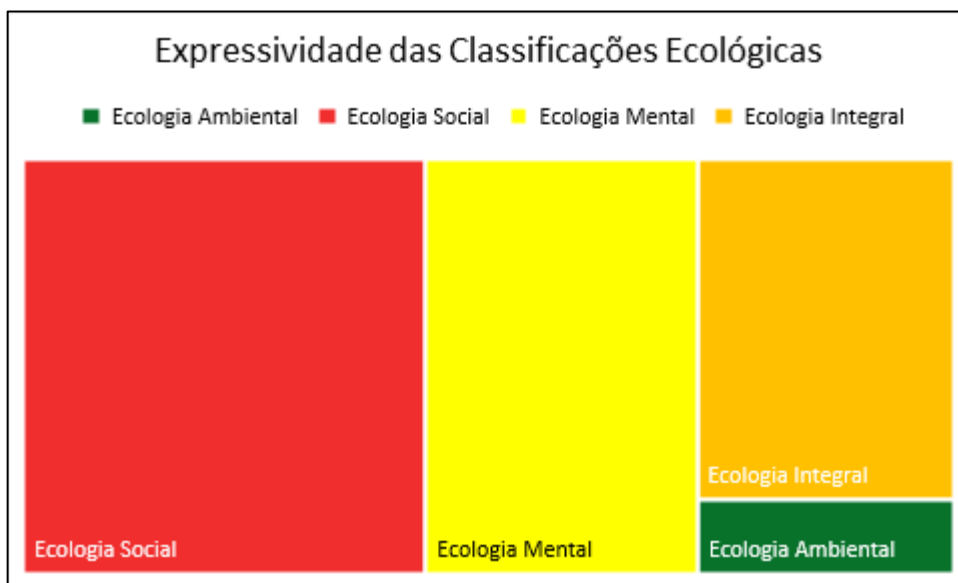
A cosmovisão diz respeito a um compromisso, baseado em prolegômenos, ou seja, baseado nos princípios básicos para o estudo de um assunto qualquer, princípios estes que delimitam o assunto, e que são sustentados consciente ou inconscientemente (CHAUÍ, 1999),

ou ainda é possível dizer que cosmovisão é o que dará base para as questões éticas pelo desenvolvimento da colaboração e a cooperação (PIAGET, 1994).

A cosmovisão cristã parte de uma perspectiva teocêntrica, ela é quem rege as questões elementares da vida. Nessa perspectiva a ética é vista sob a lógica da revelação bíblica, sobre a lógica de um Deus criador de todas as coisas, seu plano para o homem que criou, e a propagação disto através da educação (RINALDI Jr, 2012). Nessa verdade encontra-se o porquê de se identificar dados tão expressivos quando as perspectivas ecológicas ao longo das lições.

Ao se considerar a expressividade de cada classificação ecológica na pesquisa chega-se ao gráfico Mapa de Árvore expresso na Figura 2. A pesquisa evidenciou que hierarquicamente a ecologia social é a mais expressiva no contexto cristão, seguida da ecologia mental, ecologia integral e ecologia ambiental, respectivamente.

Figura 3. Expressividade das Classificações Ecológicas expressa em um Gráfico de Hierarquia.



Tal expressividade aponta que os discursos espirituais estão impregnados de conceitos científicos revelando as novas relações estabelecidas entre ciência e fé, conforme proposto por LOVELOCK, 2004. As lições não têm uma responsabilidade científica, mas usam, em certos momentos, dados e conceitos científicos, seja para conceituar em consonância com a fé cristã, como é possível observar na introdução da lição denominada *Druga é droga!*, cujo objetivo é auxiliar o adolescente como é possível resistir ao vício em drogas via meditação bíblica, entender os perigos da companhia daqueles que induzem ao uso das drogas, motivá-los a ajudar pessoas nessa situação, onde se lê:

[...] de acordo com o Observatório Brasileiro de Informações sobre Drogas (OBID), em 2010, 9,9% dos estudantes das escolas públicas utilizaram, nos 365 dias anteriores à aplicação do questionário, qualquer tipo de droga (exceto álcool e tabaco), enquanto na rede particular esse número foi de 13,6%. (www.obid.senad.gov.br/portais/OBID/index.php). Dados também de 2010 do Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime UNODC), afirmam que na Argentina, Bolívia, no Chile, Equador, Peru e Uruguai, quase 7 a cada 10 estudantes consumiram bebida alcoólica pelo menos uma vez. Entre as drogas ilegais, a maconha se mostra a mais comum, com 11% dos estudantes tendo experimentado alguma vez. (http://www.unodc.org/southerncone/pui_frontpage/2010/05/06_relatorio-mestra-o-con-sumo-de-drogas-entre-jovens-em-seis-paises-sul-americanos.html) [...]

Ou para refutar, como observado na lição *Gravidez na adolescência*, cujo um dos objetivos é conduzir o adolescente a não querer praticar o relacionamento sexual antes do casamento, e para arguição lança-se mão de uma reflexão que tem bases nas teorias do desenvolvimento psicológico:

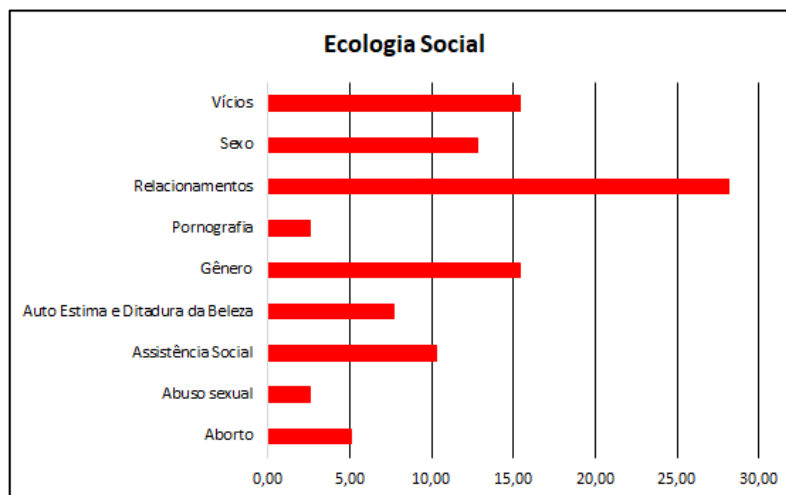
[...] Na adolescência, o ideal de amor se mescla com o afeto, a ternura e o desejo de ser compreendido. Com isso descobrimos que para o adolescente, amor não significa prioritariamente relação sexual. Esta é uma das razões que a gravidez na adolescência torna-se um pesadelo! Podemos comprovar essa triste realidade com a notícia de que o índice de depressão profunda e de suicídio em adolescentes envolvidos em relacionamento sexual precoce é altíssimo. Tudo porque engravidar nessa fase significa pular para um estágio de maior complexidade que exige mais maturidade, tanto emocional como fica e psicológica [...]

Nos citados, e em todos os demais, o que fica latente é a perspectiva de que o que torna o ser humano nocivo à natureza é sua vontade egoísta, a visão de si mesmo acima do meio ambiente em que está inserido, o denominado pecado, sendo assim, apenas estudar as relações biológicas não é suficiente. Nessa lógica a ecologia social se propõe a abordar as relações humanas e o nível de consciência coletiva, política e social. Nesse contexto percebe-se que questões do cotidiano, como por exemplo: sexo, drogas, autoestima e ditadura da beleza, quando mal vividos, se tornam empecilhos a uma ecologia consciente.

Ao se agrupar as temáticas na qual se insere a perspectiva da Ecologia Social têm-se a Figura 4. Os três subtemas (relacionamentos, vícios e questões de gênero) mais abordados somam 58,97%. Os objetivos da EBD poderiam ser resumidos com o seguinte objetivo retirado de uma das lições: *Esta lição visa esclarecer ao aluno que ele deve exercer a liberdade com*

responsabilidade sem se esquecer de visar o bem do próximo, entendendo que toda liberdade deve estar fundamentada na verdade, que é o próprio Jesus.

Figura 4. Subtemas abarcados dentro da Ecologia Social nos planos de aula observados.



A partir das lições consultadas pode-se definir que a Ecologia Social Cristã visa a partir de uma reflexão do *modus operandi* de Deus, descrito na bíblia, olhar para si próprio, ver seus pecados, ou seja, suas práticas que contradizem os valores cristãos, abandoná-las e mover-se em direção a sociedade visando ensinar a viver do mesmo modo. Nesse sentido, as lições são claras ao registrarem que há padrões a serem seguidos e filosofias, opiniões e programas contrários devem ser recebidos a partir do crivo bíblico.

Para compreender melhor a questão do parágrafo anterior se faz necessário compreender que há um Deus Criador que teve seu relacionamento com o ser humano quebrado devido ao pecado no Éden, mas que dá um segunda chance a todos aqueles que escolhem se relacionar com Ele. Essa chance é dada ainda em vida, e garante que o ser humano viva melhor, por isso da necessidade de aprender os valores desse Deus, para que se possa praticá-los.

No crivo bíblico reside a maior dificuldade na relação ciência e religião cristã. Por crivo bíblico entende-se a não subordinação da bíblia a outras ciências. A relação ciência e fé sempre fora conturbada, contudo, a divulgação supracitada, na virada da década de 60 e 70, ao mesmo tempo que surge o movimento ambientalista mundial e que se populariza a temática ambiental para o público leigo é chave para que haja novas perspectivas nessa relação (POTT e ESTRELA, 2017).

Isto porque neste momento a terra perde seu *status quo* de fornecedora de recursos e passa a ser considerada um sistema vivo, que persevera para manter a vida. Tal mudança de perspectiva abre espaço na ciência para a inserção da variável espiritualidade (GOLDEMBERG e BARBOSA, 2004). É válido ressaltar que a espiritualidade sempre considerou a necessidade de cuidados com a terra, porém é a variável espiritualidade na ciência que irá popularizar essa perspectiva.

Esse momento histórico evoca uma série de interpretações. Encontra-se nessa perspectiva o apoio necessário para confirmação científica dos povos ancestrais: a complexidade da cadeia da vida, manifesta na terra, não pode ter se originado sozinha, é preciso que uma força estranha, natural e desconhecida a tenha provocado (ODUM (1988); MACHADO (2010); SHELDRAKE (2007)), nessa nova realidade habita a vocação espiritual tão discutida na Educação Ambiental.

3.2. A fé cristão e o paradigma da exploração exaustiva

As lições sobre Ecologia Ambiental somam 2% de todas as lições avaliadas. O estudo sistemático destas levou a conclusão de que nessa classificação ecológica reside a explicação dos porquês deve-se cuidar não apenas da natureza, mas das relações e tudo mais abarcado na ecologia. Em uma das lições, sobre Ecologia Ambiental, lemos:

[...] (o objetivo da lição é) compreender que Deus é o Criador, Dono e Doador de todas as coisas; sentir-se grato a Deus por tudo que recebeu do Senhor; demonstrar reconhecimento do senhorio de Deus sobre todas as coisas, inclusive sobre a própria vida; administrar os bens que Deus lhe conferiu com gratidão e sabedoria [...]

A cosmovisão defendida nas lições classificadas como Ecologia Ambiental é que praticar os valores do Deus Criador é uma ordem d'Ele para seus seguidores. A força natural, estranha e desconhecida é apresentada no cristianismo como Deus, sobre ela a teologia trinitária (Deus Pai, Deus Filho, Deus Espírito Santo) de Leonardo Boff faz uma exaustiva reflexão da teologia clássica, lidando com ela sob a perspectiva da libertação dos oprimidos da América Latina.

A reflexão é que Deus, na cosmovisão cristã, é a origem de todas as coisas, dessa forma crê-se que a realidade da criação pressupõe a existência de um Criador, sendo assim entende-se que Deus é o criador, para justificar uma das lições apontará o texto de 1 Coríntios 8:6, onde lê-se: *todavia, para nós há um só Deus, o Pai, de quem são todas as coisas e para quem*

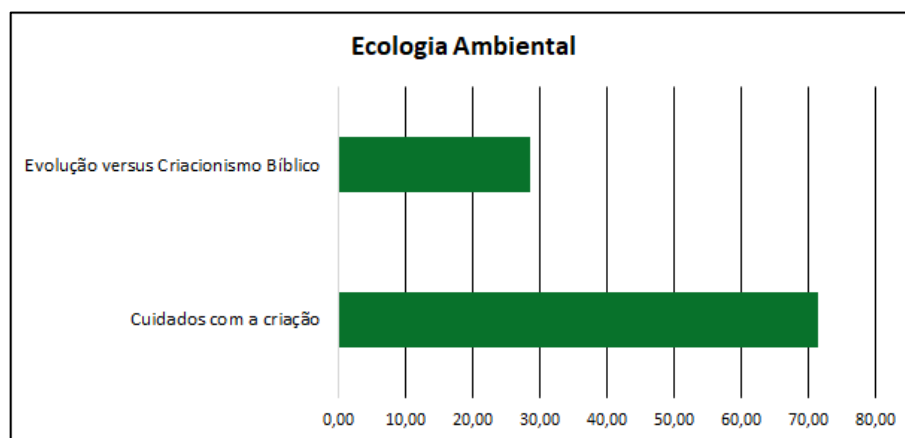
existimos; e um só Senhor, Jesus Cristo, pelo qual são todas as coisas, e nós também, por ele (BÍBLIA DE GENEBRA, 1993).

Sendo assim o Deus Criador governa sobre toda criação, nessa nova orientação para a ecologia, preserva-se a afirmação da Trindade como um relacionamento pericorético. Sobre isso MOLTSMANN, 1993 escreve:

[...] A ecologia é o discurso das relações e é ela que possibilita falar de Deus como Trindade de Pessoas. Boff lembra que a intuição trinitária não é exclusividade do cristianismo, mas esse discurso tem sua compreensão ampliada atualmente por causa da ecologia [...]

Corroborando com essa ideia duas perspectivas sobre Ecologia Ambiental (Figura 4) predominam nas lições classificadas como tal, ou seguiu-se a perspectiva de que o ser humano é mordomo e deve administrar os recursos naturais, não explorá-los de modo insustentável, reconhecendo a majestade do Criador, ou a perspectiva que outras filosofias e teorias, a exemplo da teoria da evolução, devem ser combatidas.

Figura 5. Representatividade das perspectivas para desenvolvimento da Ecologia Ambiental nos planos de aula avaliados.



De modo geral, nas lições de EBD avaliadas, a preocupação está em apresentar a visão de um Deus criador que sustenta todas as coisas, das 14 lições que abordaram a Ecologia Ambiental 10 delas (71%) tinham como objetivo levar o adolescente a compreender que o relacionamento humano é algo herdado da própria pessoa do Deus Trino, conforme escrito em uma das lições:

[...] Deus é o Dono, por isso precisamos compreender que Deus é o Criador, Dono e Doador de todas as coisas; sentir-se grato a Deus por tudo que recebeu do Senhor; demonstrar reconhecimento do senhorio de Deus sobre todas as coisas, inclusive sobre a própria vida; administrar os bens que Deus lhe conferiu com gratidão e sabedoria... ser capaz (o adolescente) de ter uma visão geral da criação do Universo por meio do estudo da Bíblia; demonstrar gratidão e submissão a Deus por ser o Criador e Governador do Universo; buscar um relacionamento cada vez melhor com o Criador, ficando preparado para responder quando confrontado a respeito da fé [...]

Essa perspectiva é concordada por COSTA, 2013 que faz uma análise partindo do Salmo 8, verificando aspectos da majestade de Deus revelados na criação e, especialmente, no homem, uma vez que a humanidade foi feita imagem e semelhança dele. O autor conclui que só é possível uma visão correta da criação em geral, tendo uma compreensão correta de Deus, uma vez que é Ele que se dá a conhecer, sendo assim só há ecologia partindo de Deus.

Diante da relevância do tópico, para a perspectiva cristã, esperava-se que a Ecologia Ambiental ocupasse um maior espaço de ensino, contudo ela representa apenas 2% das 909 lições. Talvez essa realidade justifique a compreensão que o cristianismo sustenta o uso exaustivo dos recursos naturais, uma vez que na ausência de materiais que expliquem ao público mais interessado, cristãos, a interpretação correta, outras interpretações acabam surgindo, sendo sustentado inclusive por cristãos.

3.3. A ética ambiental e o sujeito ecológico

Ao se entender a relação entre Deus e o homem precisa-se perpassar pela questão do pecado. Este alienou o ser humano não apenas de Deus, bem como de si própria, do outro e da natureza, num processo de desumanização. As consequências a esse processo de desumanização se revelam ao longo da história, nas questões sociais, ambientais, etc, contudo, o pecado apenas corrompeu o homem, não retirou dele a *imagem* divina isso implica na possibilidade de que a ética de Deus seja vivida pelo homem (CALVINO, 1966).

No que concerne a criação, tem-se o pecado a tornando obscurecida, a levando a perda de sua capacidade primeira de apontar para o seu Criador, concomitantemente o homem, agora pecador, não consegue ver a glória de Deus manifesta na Criação a tornando incompleta e ineficiente para conduzir o homem a um relacionamento pessoal com Deus e que manifeste um meio ambiente sustentável para todos.

Entendendo que a criação toda fora afetada pelo pecado as lições expressam consideráveis quantidades de lições que abarcam as questões da Ecologia Mental. A Ecologia Mental é a parte das ecologias ocupadas com a mente e com o que ocorre dentro dela, considerando os valores e as visões de mundo que os recortes sociais projetaram.

Em linha gerais todas as lições partem, ou citam em algum momento, um trecho da bíblia, situado em Provérbios 4:23, onde se lê, segundo a Bíblia de Genebra: *Sobre tudo o que se deve guardar, guarda o teu coração, porque dele procedem as fontes da vida.*

A ideia defendida, no tangente a Ecologia Mental Cristã é que as questões aqui abarcadas tem origem no *coração*, lembrando que o coração é uma figura de linguagem para a fonte dos desejos e emoções. Esse coração também está corrompido pelo pecado, logo, é preciso se dirigir para o Criador, diante dos numerosos e inevitáveis conflitos da vida. No relacionamento com Deus o coração será preservado, e os conflitos se tornarão oportunidades para crescer. Observe 5 (cinco) trechos retirado das lições:

- I. [...] a palavra de Deus pode fazer em seu dia a dia; memorizar mais versículos da Bíblia; conhecer e usar as Escrituras como Jesus, nas diversas situações da vida [...]
- II. [...] (é preciso) perceber como orar de acordo com a vontade de Deus; reconhecer o valor da fé na oração; sentir necessidade de ter uma vida de comunhão com Deus por meio da oração; orar em nome de Jesus, com fé, buscando [...]
- III. [...] ao final da lição, o adolescente será capaz de conhecer o que a Bíblia ensina sobre o jejum; sentir vontade de jejuar no dia a dia e em situações de crise; praticar o jejum conforme a Bíblia ensinar a vontade de Deus [...]
- IV. [...] (é preciso ser) capaz de entender em que consiste o crescimento cristão; sentir necessidade de crescer no conhecimento de Deus; estudar a Bíblia diariamente; frequentar a igreja assiduamente; participar ativamente do culto; descobrir e usar seu dom no serviço do Senhor [...]
- V. [...] Ao final da lição, o adolescente será capaz de entender em que consiste a permanência no Senhor; avaliar se a sua vida está de acordo com as condições para permanecer perto de Deus; sentir necessidade de permanecer perto de Deus; perseverar para experimentar uma vida abundante no Senhor [...]

Os trechos supracitados sustentam que a lógica apresentada é que o caminho para o desenvolvimento da Ecologia Mental, na perspectiva cristã é: a partir das disciplinas espirituais

o indivíduo ser capaz de, não apenas desenvolver habilidades socioemocionais, mas permanecer com estas *enraizadas em seu interior*.

Essa perspectiva concorda e colabora com o desenvolvimento de uma ética ambiental. Os impactos das ações individuais interferem no todo, pós Conferência de Estocolmo (1972) a ciência irá apontar a ética como um componente importante a ser observado no equilíbrio ambiental, o termo responsabilidade ambiental se torna essencial para a discussão (CAPRA, 1991; ODUM, 1988), e é entendido como as ações de cada indivíduo. Por isso os valores pró-ambientais e o comportamento ecológico são coordenados na busca de um ambiente com ética ambiental (ODUM, 1988).

A existência de um sujeito moral ético (ser humano), bem como das gerações futuras está diretamente ligado ao desenvolvimento dos valores intrínseco à colaboração e cooperação em cada ser humano (PIAGET, 1994). O ser humano é um agente para a construção de uma nova moral, inspirado numa ética ambiental consistente por possuir um caráter moral, ou seja, possuem razão e liberdade (FORSBERG e HIGUCHI, 2004). Tendo em mente isso, o processo educativo, especialmente a EA, é extremamente relevante para viabilizar o desenvolvimento moral pró-ambiental.

Os planos de aula apontam que a Escola Dominical investe considerável tempo na emersão de um sujeito ecológico, contudo ao dar mais ênfase a ecologia social cria-se, inconscientemente, um cristianismo reativo a questões sociais com baixa colaboração para a emersão de um sujeito ecológico realmente comprometido com as questões ambientais. A ecologia social precisa ser um meio, não um fim reativo, e Ecologia Ambiental e Mental precisam de mais espaço.

A integração das ecologias trabalhadas até aqui nos aponta para a Ecologia Integral, ou seja, pensar a ecologia a partir de uma visão que considera o mundo todo como uma casa comum. O termo ganhou força na Encíclica *Laudato Si - Louvado Seja - sobre o cuidado com a Nossa Casa Comum, a irmã e Mãe Terra*, proposta pelo Papa Francisco.

Somos seres histórico-sociais, temos capacidade ética de intervenção e transformação social, nossa capacidade não possui apenas um caráter de desenvolvimento da ciência, criação de construções magníficas, produção em alta escala, era digital, entre outros, somos capazes de desenvolver soluções éticas que permitem equacionar a problemática ambiental (JAMIESON, 2010; FREIRE, 2004).

Nesse sentido, as lições se propõe a dar base para a formação do sistema de crenças e valores que constituem o sujeito ecológico. No âmago desse sujeito está a postura ético-crítica

da realidade vigente, que busca o acúmulo dos bens materiais que relega a exploração dos recursos e seus impactos (CARVALHO, 2004; 2012). Esse indivíduo irradia a possibilidade de um mundo transformado, compatível com o ideal ecocêntrico, socialmente incluyente, ambientalmente sustentável e economicamente sustentado.

BOFF, 2008 afirma que com o corpo o homem se relaciona com a exterioridade, com a psique, tem desejos, emociona-se com a interioridade e com a profundidade estabelece uma relação de respeito e cuidado para com o planeta Terra. Essa terceira dimensão reflete a espiritualidade do humano, cultivando o aspecto da profundidade a amorosidade, a compaixão, o perdão e o cuidado para com todas as coisas é aprimorado, o sentimento de cooperação e respeito pelos seres naturais é aflorado. Assim o homem admite que *tudo que existe merece existir e tudo que vive merece viver* (BOFF, 2008).

Pode-se dizer, então, que no emergir do sujeito ecológico habita a práxis do ser humano, essa visão nos permite entender a predominância da ecologia social frente as demais classificações. Ao longo da via da pessoa constrói-se suas atitudes e seu conhecimento ambiental. A partir da experimentação, pelos sentidos, emoções a pessoa constrói, significa o momento, acumulando informações que com o decorrer do tempo irá, reagir e hierarquizar, de acordo com sua relevância e adequação aos seus objetivos.

Pela epistemologia genética de PIAGET, 2002, nossa aprendizagem avança contínua e progressivamente. Em cada faixa etária têm-se necessidades comuns que vão, das quais assimilamos e incorporamos coisas da vida diária, ou ainda acomodamos ou reajustamos tais pelas modificações realizadas. Por meio desta equilibração as pessoas chegam a uma configuração geral do equilíbrio psíquico denominada de *adaptação*. Esses processos se repetem continuamente formando estágios cognitivos.

O processo cognitivo de Piaget é denominado como como cognição espacial por outros autores como MONTEIRO e BARRIAS, 2002; NEWCOMBE e HUTTENLOCHER, 2006. HIGUCHI et al., 2004, irá explicar que a cognição ambiental reúne processos internos e externos (estímulos do meio físico e das relações com outros seres vivos) e irá classificar estes estímulos em duas ordens de fatores: biofísicos e psicossociais.

Segundo a visão piagetiana as funções intelectuais que se combinam para concretizar a formação de um conceito, só amadurecem, por completo na adolescência. Ao fim da adolescência o indivíduo já é capaz de formar conceitos além da prática cotidiana, formar o saber científico, isso é um argumento que explica a Ecologia Integral ocupar 10% dos planos de aula.

As lições sobre Ecologia Integral se ocupam de estudar a linguagem bíblica, para tal lançam mão da estrutura da linguagem, do significado das palavras e da sintaxe, o objetivo aqui é chegar a uma compreensão clara e precisa do texto bíblico.

A partir do contexto histórico almeja-se determinar, do modo mais fidedigno possível a mensagem do texto bíblico. Assuntos como escatologia, grego, hebraico, hermenêutica... São observados com frequência e além da ortopraxia não ser o foco aqui implicações éticas ao pensamento são estabelecidos.

As implicações éticas estabelecidas podem ser reflexionadas a partir do pensamento de Agostinho de Hipona ou Santo Agostinho. Agostinho não possui nenhum registro que trate especificamente sobre ética, mas seus escritos ecoam sua ética (AGOSTINHO, 1995). De igual forma Agostinho não registra sobre a questão da EA, porém sua ética nos permite expor, pela lógica, a temática.

Para Santo Agostinho não existe mal nas coisas, uma vez que o mal não é substancial, o que existe é o mau uso das coisas (CORTELLA, 2012). A perspectiva do teólogo é que os mandamentos divinos são imperativos para que o homem viva bem consigo mesmo, com os outros, mas acima de tudo com Deus. Contrapondo-se com o eudaimonismo aristotélico Agostinho entende que o caminho da felicidade é a religiosidade (PINTO, 2015).

Aristóteles entendia o bem como uma finalidade própria do homem que está em busca de alcançar a felicidade, ou seja, a eudaimonía. Sobre isso CHAUI (2002) irá dizer:

[...] a felicidade é a vida plenamente realizada em sua excelência máxima. Por isso não é alcançável imediata nem definitivamente, mas é um exercício cotidiano que a alma realiza durante toda a vida. A felicidade é, pois, a atualização das potências da alma humana de acordo com sua excelência mais completa, a racionalidade [...]

Para Aristóteles ela é percebida como um bem supremo, autossuficiente que é auto-gradável. Enfim, seria uma forma de nos aproximarmos de tudo aquilo que é nobre e divino. Trata-se de uma prática contemplativa sem relações com exterioridades (poder, por exemplo). As exterioridade só seriam úteis para alcançar o bem.

Já Agostinho trabalhou na perspectiva da responsabilidade humana. Transportando para as questões ambientais percebe-se que se o homem pode fazer uso dos recursos naturais, se for guiado pela lógica agostiniana, irá fazer uso sem destruir, uma vez que como criatura ela louva ao criador.

Corroborando com a ideia agostiniana a ética ambiental se estabelece no campo da ética prática, quando se enxerga que este complexo ambiente que estamos inseridos influencia em todas as áreas das nossas vidas (ABBAGNANO, 2000). Não é possível dissociar a criação da presença do ser humano, não somos distintos, tampouco superiores.

Na perspectiva de Agostinho fica esclarecido que, se contrapondo em partes a lógica antropocêntrica, Deus atribui ao ser humano, também, a responsabilidade de cuidar do próximo. Assim o ecológico se apresenta à teologia como um desafio, e não um objeto.

4. Considerações Finais

A partir de toda reflexão feita conclui-se que a crença num Deus pessoal, poderoso, bom, santo e que tem o governo sobre a sua criação que ensina ao ser humano que o essencial é o sentido das ecologias no cristianismo. Como bem vimos diversos autores, de diferentes escolas, com diferentes cosmovisões tem se arriscado a responder sobre a vocação espiritual da educação ambiental, contudo constantemente negligenciam o ser humano nesse contexto, a terra constantemente é evocada como o ser supremo, percebe, a terra, não as relações homem-natureza.

A maior ênfase deste artigo poderia ser resumido com a expressão teológica *Pacto da Criação*, em suma este é o primeiro fundamento e norma para a vida dos cristãos num mundo criado por Deus que terá uma série de implicações na forma de relacionar com toda a Criação. Sendo assim não há como defender uma vida humana sem ter as questões ambientais intrinsecamente ligadas. A partir do Pacto da Criação não há como alegar que o cristianismo despreza a vida neste mundo.

A fé cristã ao entender que já vive para a glória de Deus irá defender uma mentalidade que almeja ter todas as relações pautadas no relacionamento com o Deus Trino, aguardando o dia em que 100% dessa relação, hoje quebrada estará refeita. Enquanto aguarda seu Redentor o homem caminha cuidando da Criação. Em todas as lições o Jardim do Éden parece ser o padrão de restauração de todas as criaturas físicas no dia, tão aguardado pelos cristãos, quando todas as coisas estiverem no lugar.

Nesse recorte de planos de aula (lições) o processo educativo, aliado a aplicação, é visto como parte essencial a ética. O processo educativo é sinônimo de mudança de mentalidade. A proposta é que o ser humano seja uma influência para não apenas agir como Jesus, mas pensar como ele pensa.

Considerando isso não resta dúvidas que há um compromisso das lições com a cosmovisão cristã, e um potencial para Educação Ambiental. O potencial diz respeito ao fato de que no Cristianismo crê-se que o processo de aprendizagem permeado pela excelência em três níveis, a excelência no saber, no fazer e no ser, o desequilíbrio na quantidade de lições de cada tipo de ecologia indica falta de excelência, afetando essencialmente a excelência no saber.

As lições, majoritariamente, incentivam o saber e o ser, colocando a ética cristã ambiental como um fim, fato que ela não é, ela é um produto, um meio, mas não um fim, ou seja, ela precisa ser apresentada de modo completo para que o sujeito real emerja frente ao sujeito ideal e dessa forma as limitações reais, que limitam o sujeito ecológico de emergir, possam ser devidamente trabalhadas.

Ao não dar mais espaço para a ecologia integral a didática fica comprometida, dessa forma na construção do ensino há uma defasagem. Tal defasagem nos é exposta na baixa preocupação com os assuntos ligados a ecologia ambiental e no exponencial da ecologia mental que mais é um sintoma do que uma causa em si.

Sem perder de vista que a EA não se dá pela transmissão passiva, mas sim a partir de uma interação entre os sujeitos e a EA conclui-se que os conteúdos usados na Escola Dominical tangenciam a problemática ambiental, mas a falta de intencionalidade na temática o faz não ser clara qual é a problemática palpável das questões ambientais, o potencial é latente mas é preciso uma reformulação didática.

Ao atribuir ao pecado toda problemática ambiental a impressão que fica é que os problemas ambientais são solucionáveis a partir dos momentos de reunião cristã, sendo assim, parece que muitas ações já estão sendo tomadas a partir do contexto cristão para solucionar tais problemáticas.

Além disso pode-se concluir também que não há base para afirmar que o paradigma de explorar exaustivamente a terra perdure na cosmovisão cristã, aparentemente o que ocorre é que a falta de apresentação de modelos intencionais para o ensino sobre educação ambiental impede que o sujeito ecológico emerja de modo consciente, dessa forma, fica parecendo que a temática ambiental está distante do público final, quando na verdade ela é amplamente exposta, conforme observou-se.

Por fim é válido ressaltar que o saber científico ambiental de um indivíduo exige que se avalie como ele interpreta o meio ambiente que está inserido, suas relações e a influência social, dessa forma este trabalho precisa ser continuado avaliando os recursos didáticos usados para com os adolescentes, bem como avaliar a eficiência da metodologia com o público.

A pesquisação é um caminho necessário para que essa pesquisa rompa o campo da teoria, e a verificação do amadurecimento do raciocínio moral dos adolescentes pelo conflito cognitivo seria uma metodologia com muito a contribuir para este recorte social, dada as poucas pesquisas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO. N. *Dicionário de Filosofia*. Trad. Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BIAGGIO, A. M. B; VARGAS, G. A. O; MONTEIRO, J. K.; SOUZA, L. K.; TESCHE, S. L. *Promoção de atitudes ambientais favoráveis através de debates de dilemas ecológicos*. In.: Estudos de Psicologia 1999.

Bíblia de Estudo de Genebra. 2. Ed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil; São Paulo: Cultura Cristã, 2009. 1984p. 1993

BLATT, M.; KOHLBERG, L. *The effects of classroom moral discussion upon children's level of moral judgement*. Journal of Moral Education, v 4, 129-161, 1975.

BOFF, L. *Ecologia: grito da terra, grito dos pobres*. p. 147. 126 GUATTARI, Félix. As três ecologias. Campinas: Papirus, 1990.

BOFF, L. *Ecologia, mundialização, espiritualidade*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

BOFF, L. *Sustentabilidade: o que é e o que não é*. Petrópolis: Vozes, 2012.

BRASIL. *Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990: Estatuto da Criança e do Adolescente*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm> Acesso em: 25 de agosto de 2020.

BRASIL. *Resolução CNE n. 2, de 7 abril de 1998: Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental*. Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/resolucao_ceb_0298.pdf. Acesso em: 22 de agosto de 2020.

CALVINO, *As Institutas*, I.15.4; II.1.5; CALVINO, Juan. Breve instruccion cristiana. Barcelona: Fundación Editorial de Literatura Reformada, 1966.

CAPRA, F. *O ponto de mutação*. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1991.

CARVALHO, I.C.M. *Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico*. Coleção Docência em Formação. São Paulo, Editora Cortez, 2004.

CHAUÍ, M. *Convite à Filosofia*. 12ª Ed. São Paulo: Ática, 1999.

CHAUÍ, M. *Introdução à História da Filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles*. Vol. 1. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

DELVAL, J. *Introdução à prática do método clínico: descobrindo o pensamento das crianças*. Tradução Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed. 2002.

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e Mudança Social*. Brasília: UNEB, 2008

FORSBERG, S.S. e HIGUCHI, M.I.G. *Imagem e uso social do espaço residencial de crianças adolescentes na periferia de Manaus*. Relatório Pibic/CNPq. Manaus: INPA. 2003.

FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia*. 29ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

FREIRE, L. de A. *A Universidade e a questão do conhecimento: o currículo acadêmico na perspectiva da inter/transdisciplinaridade e da Ecologia de saberes*. 2015. 134 f. Tese (Doutorado em Educação Brasileira). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

GOHN, M. da G. *A educação não-formal e a relação escola-comunidade*. EccoS, São Paulo, v. 6, n. 2. p. 39-65, 2014.

GOLDEMBERG, J.; BARBOSA, L. M. *A legislação ambiental no Brasil e em São Paulo. Revista Eco 21*, Rio de Janeiro, n.96, nov. 2004.

GOTTLIEB, R. S. (Org.). *This Sacred Earth: religion, nature, environment*. New York & London: Routledge, 1996.

GUNTHER, H. Como elaborar um questionário. In: PINHEIRO, J. Q.; GÜNTHER, H. (Ed.). *Métodos de pesquisa nos estudos pessoa-ambiente*. Ed 1. Casa do psicólogo, 2008.

GUSMAN JÚNIOR, U. *A voz profética da Igreja Católica e o zelo pelo meio ambiente*. Anais do Congresso ANPTECRE, v. 5, 2015.

HIGUCHI, M.I.G. *House, Street, Bairro and Mata: Ideas of Place and Space in an Urban Location in Brazil*. Tese de Doutorado. Inglaterra: Brunel University, 1999.

HIGUCHI, M.I.G, AZEVEDO, G.C. FORSBERG, S.S. A Floresta e a sociedade: história, ideias e práticas. In: M.I.G. HIGUCHI e N. HIGUCHI, (Eds.). *A floresta amazônica e suas múltiplas dimensões: uma proposta de educação ambiental*. Manaus: INPA/CNPq. 2004

IBGE, 2010. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 20 de agosto de 2020.

JAMIESON, D. *Ética e meio ambiente*. Trad. Alvarenga. São Paulo: Senac, 2010.

LAYRARGUES, P. P.; LIMA, G. F. C. *As macrotendências político-pedagógicas da educação ambiental brasileira*. In: *Ambiente e Sociedade*, Sao Paulo, v. XVIII, n.1, p.23-40, jan/mar 2014.

LEFF, E. *Saber Ambiental: sustentabilidade racionalidade, complexidade, poder*. Tradução Lúcia Mathilde Endlich Orth. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

LIMEIRA, A. F. M.; ANDRADE, M. O. D. *Eco(Teo)logia: discurso teológico ambiental x prática comunitária evangélica*. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, 28, jul/dez 2013.

LOVELOCK, J. *Gaia: um novo olhar sobre a vida na Terra*. Lisboa: Edicoes 70, 2001.

LOVELOCK, J. *A vingança de Gaia: mudanças climáticas e a vulnerabilidade do Planeta*. Revista eletrônica do Instituto Humanitas Unisinos 0 IHU. São Leopoldo. N. 171 VI, p.11-13, 13-02-2006.

MACHADO, L. da C. *Liturgia e ecologia: apontamentos para uma práxis pastoral ecolitúrgica na Igreja Metodista*, 2010. 313 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2010.

MAGALHAES, H. G. D. *O conceito de gestão escolar na ecopedagogia*. Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental, vol.17, p.262-273, julho a dezembro de 2006.

MOLTMANN, J. *Deus na criação: doutrina ecológica da criação*. Petrópolis: Vozes, 1993.

MONTEIRO, I.S.; BARRIAS, J. *Cognição ambiental, tempo e ambiente*. Anais do 1º. Colóquio Psicologia Espaço e Ambiente. Universidade de Évora, 9-10. 2002.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessário a educação do futuro*. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2000.

MUSA, C. I.; OLIVEIRA, L. B. de; VIEIRA, R. *Educação Ambiental e Religião: percepções e perspectivas a partir das denominações religiosas cristãs da sub-bacia do ribeirão Araranguá em Blumenau/SC*. REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental, [S.l.], v. 16, set. 2012.

NEWCOMBE, N.; HUTTENLOCHER, J. *Development of spatial cognition. Handbook of Child Psychology*. pp. 734-776. 2006.

ODUM, E. P. *Ecologia*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S. A., 1988.

PIAGET, J. *O juízo moral na criança*. São Paulo: Summus, 1994.

PIAGET, J. *A construção do real na criança*. São Paulo: Editora Ática, 1996.

PIAGET, J. *Seis estudos de psicologia*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

PIERUCCI, A. F.; PRANDI, R. 2004. “Bye, bye, Brasil” – *O declínio das religiões tradicionais no Censo 2000, Estudos Avançados*. São Paulo, v. 18, n. 52, setembro-dezembro, 2004.

PINTO, E. F. *A ética aristotélica: o caminho para a felicidade completa*. Revista Filosofia Capital, Brasília, v. 5, n. 11, p. 03-12, jul. 2010.

POTT, C. M.; ESTRELA, C. C. *Histórico ambiental: desastres ambientais e o despertar de um novo pensamento*. Estud. av., São Paulo, v. 31, n. 89, p. 271-283, Apr. 2017.

RIBEIRO, L; PROCHNOW, T. Sustentabilidade e Educação. *Educação ambiental em espaço não formal*. 2º Encontro de Ciências para sustentabilidade. 2015.

RINALDI JR, R. *Educação na Perspectiva Cristã: uma reflexão sobre essa abordagem e seu impacto na família, igreja, escola e nação*. Belo Horizonte, MG: AECEP, 2012.

ROHR, F. Educação e Espiritualidade. In: *Dialogos em Educação e Espiritualidade*. 1ª ed. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2010.

SAHEB, D. *Os saberes socioambientais necessários à educação do presente e a formação do educador ambiental sob o foco da Complexidade*. 2013. 228 f. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.

SCHAEFFER, A. F. *Poluição e morte do Homem: Uma perspectiva cristã da ecologia*. Junta de Educação Religiosa e Publicações. 2ª Edição. Rio de Janeiro: RJ, 1986.

SANTOS, B. de S. *Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna*. Estud. av., São Paulo, v. 2, n. 2, p. 46-71, Aug. 1988.

SANTOS, B. S. *Dilemas do nosso tempo: globalização, multiculturalismo e conhecimento*. Porto Alegre: UFRGS, Revista Educação & Realidade, V. 26, n. 1. 2001.

SHELDRAKE, P. *A brief history of spirituality*. 1ª ed. Oxford: Blackwell Publishing, 2007.

SANTOS, J. A. *O Reino de Deus e sua dimensão planetária*. 2014. 128 f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2014.

SILVA, C. A. O. D.; GAMA, C. L. M.; NASCIMENTO, K. T. L. *Meio ambiente e fé católica: um discurso em busca de uma práxis pastoral*. Último Andar, n. 26, 2015.

SILVA, S. A. da. *Ecologia, religião e ensino ecológico do magistério da Igreja Católica e da Igreja Evangélica Assembleia de Deus no Brasil (de 1990 a 2015)*. 2018. Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco. Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião. Mestrado em Ciências da Religião, 2018.

SIQUEIRA, D. *Pluralidade e trânsito religioso na atualidade*. Trabalho apresentado no I Simpósio de Religião e História. Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, Assis, 26 e 27 de junho de 1999.

SIRE, James W. *Naming the elephant: worldview as a concept*. Downers Grove: Intervariety, 2004.

SOARES, N. S. *A consciência da arte de aprender para o autodesenvolvimento do ser humano*. In: I Simpósio sobre Nacional sobre, 1., 2006.

TAYLOR, C. *Uma era secular*. Sao Leopoldo: Unisinos, 2010.

VAN NESS, P. H. *Spirituality and the secular quest*. (World Spirituality. vol.22). New York: Crossroad, 1996.

WALLERSTEIN, I. Análise dos sistemas mundiais. In: GIDDENS, A.; TURNER, J. *Teoria social hoje*. São Paulo: UNESP, 1999.